

A construção da *persona* poética na obra de Juvenal

Iana Lima Cordeiro
doutoranda/ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
iana-cordeiro@hotmail.com

RESUMO: Analisamos a construção de autoimagem realizada pela *persona* poética presente na obra do poeta romano Juvenal, autor de *Sátiras*, obra composta por dezesseis poemas. O emprego do conceito de *persona* poética para a análise de sátira romana foi pioneiramente proposto por William Anderson (1982), cujo objetivo foi devolver aos textos satíricos, então reduzidos à fonte biográfica de seus autores, seu estatuto artístico. Partindo da definição de *éthos* discursivo proposta por Maingueneau (2010), segundo o qual a construção de imagem do locutor é coextensiva a toda enunciação, analisamos como se apresenta a voz que enuncia as sátiras juvenalianas. Seguindo o método de análise de conteúdo proposto por Laurence Bardin (2006), nosso resultado se organiza em quatro categorias principais: a) o autorretrato do poeta de sátira; b) a condenação da riqueza; c) a opinião sobre as mulheres, e d) a descrição da sociedade em declínio.

3

Palavras-chave: Juvenal; sátira romana; *persona* poética; *éthos* satírico.

The constitution of the poetic *persona* in Juvenal

ABSTRACT: We analyse the self-image constructed by the poetic *persona* in the works of the Roman satirist Juvenal, constituted by sixteen poems. The use of the concept of poetic *persona* was first suggested by William Anderson (1982), whose goal was to give back the artistic character to satirical texts, which, at that point, were read only as biographical sources for their authors. Our analysis takes into account the definition of discursive *ethos* as posed by Dominique Maingueneau (2010), who affirms that there is an elaboration of self-image whenever a speaker speaks. Therefore we analyse how the voice in Juvenal's poems presents itself. We followed the method of content analysis as established by Laurence Bardin (2006) and our results are organized into four main categories: a) the self-image of the satirist; b) the damnation of wealthiness; c) thoughts on women, and d) description of a society in decay.

Keywords: Juvenal; Roman satire; poetic *persona*; satirical *ethos*.



Este artigo tem como objetivo analisar a construção de autoimagem da *persona* poética elaborada pelo poeta romano Juvenal ao longo das dezesseis sátiras que compõem sua obra.¹ Décimo Júnio Juvenal foi um satirista romano que, estima-se, viveu durante o século II d.C. e compôs os dezesseis poemas que constituem as *Sátiras*. Há uma complexidade intrínseca ao estudo da obra desse autor que se origina na escassez – ou mesmo ausência – de informações biográficas extrínsecas à obra. Armstrong (2012, p. 59) elenca quatro fontes principais desses dados: a) notas e escólios em biografias de Juvenal escritas durante a Antiguidade tardia; b) referências a si mesmo feitas pelo poeta em seu próprio texto; c) menções a Juvenal em três epigramas de Marcial e d) uma inscrição com o nome de Júnio Juvenal. As três primeiras fiam-se de maneira desmedida em textos poéticos, que, por serem composições artísticas, não têm compromisso com uma representação factual da realidade² e a inscrição na verdade não pode ser considerada segura, pois, de acordo com Vitorino (2003, p. 19), foi reconstruída a partir de cópias de transcrições e não existe um consenso quanto a sua interpretação.

No que diz respeito a essa questão, Braund (2004, p. 1) aponta na crítica juvenaliana duas tendências principais: a leitura biográfica, que busca reconstruir a vida do poeta a partir do que está dito nos textos, como fez Highet (1954); e a análise que parte do uso do conceito de *persona* poética, proposto por William Anderson (1982), que defende que exista uma construção consciente, por parte do poeta, de uma voz que enuncia seus textos e não necessariamente representa a opinião de seu autor. A adesão ao uso da *persona* poética para a análise de textos poéticos é tamanha que, como afirma Braund (2004, p. 1), ela superou a abordagem biográfica dentro dos estudos sobre a obra de Juvenal.³

Nosso trabalho adota o conceito de *persona*, pois entendemos que a composição de um texto literário é um processo complexo que não envolve apenas as escolhas do autor, mas também convenções que pertencem ao gênero literário ao qual o texto se vincula. A obra juvenaliana apresenta aspectos composicionais de forma e conteúdo que são comuns a outras sátiras romanas. Como exemplo de um elemento formal, há a utilização do hexâmetro datílico, também presente em Lucílio, Horácio e Pérsio, satiristas predecessores. No que diz respeito ao conteúdo, existe entre os satiristas romanos o lugar-comum de que aquilo que escrevem não tem muita importância: Horácio afirma que ninguém lê seus versos (1.4.21-25)⁴, Pérsio declara que seu público constitui-se

¹ Este artigo deriva de estudos realizados durante nossa dissertação de mestrado (CORDEIRO, 2019).

² Segundo Susanna Braund (2004, p. 18), as biografias antigas também se baseavam no que consta nos poemas.

³ Para uma discussão mais aprofundada do conceito de *persona* poética e de sua recepção entre os estudiosos de sátira romana, cf. Cordeiro (2019).

⁴ (...) *Beatus Fannius ultro/ delatis capsis et imagine, cum mea nemo/ scripta legat, uolgo recitare timentis ob hanc rem,/ quod sunt quos genus hoc minime iuuat, ut pote pluri/ culpari dignos (...)*. (“(...)

de duas pessoas apenas ou de ninguém (1.1.2-3)⁵, e Juvenal admite que, ausente de talento, escreve motivado pela indignação (1.1.9)⁶. Essa coincidência de aspectos entre textos de mesmo gênero evidencia que o poeta, ao compor, segue certos protocolos que possibilitam a vinculação de sua obra à tradição na qual ele deseja se inserir. Desta maneira, entende-se que, devido à sua condição de produto artístico, um texto poético não deve ser lido como representação factual da biografia ou das opiniões de seu autor, sendo preferível, portanto, adotar a *persona* como um recurso de análise em que possamos interpretar o conteúdo dos textos sem atribuí-los factualmente ao poeta.

Um conceito que se vincula intrinsecamente à análise da *persona* satírica é o de *éthos* discursivo elaborado por Dominique Maingueneau (2010, p. 79), que afirma que em toda enunciação o receptor do texto é levado a construir uma imagem do locutor, o qual, por sua vez, tenta controlar a forma como se autorrepresenta no discurso. Isto significa que, havendo um enunciador, há também, necessariamente, a construção de uma autoimagem para o enunciatário. Nossa proposta, portanto, é observar que personalidade se delinea a partir das declarações emitidas pela voz que enuncia os poemas de Juvenal⁷, ou seja, pretendemos compreender qual é o *éthos* que a *persona* satírica constrói para si no decorrer da produção poética juvenaliana.

Nossa análise da *persona* juvenaliana se organiza em categorias que concentram as principais opiniões emitidas pelo enunciador. O processo de categorização foi feito segundo o método de análise de conteúdo proposto por Laurence Bardin (2006, p. 39). A primeira etapa em nosso processo de leitura e seleção de versos consistiu na descrição, ou seja, na seleção de afirmações que insinuassem determinados aspectos do *éthos*; a etapa intermediária foi a inferência; e a final, que aqui apresentamos, a interpretação, o entendimento da constituição da *persona* juvenaliana segundo a análise das principais características observadas na constituição do *éthos* demonstrado, agrupadas em categorias que não procuram distinguir os poemas conforme os livros, por entenderem a obra como una. Utilizaremos como sinônimo de *persona* os termos satirista e enunciador.

Às livrarias/ Leve Fânio, feliz com glória tanta,/ Sem que o roguem, seus versos e retrato:/ Os meus ninguém os lê, e até receio/ Recitá-los em público, que raros/ Ao motejo, à censura inacessíveis,/ Podem recreio achar em tais escritos." Tradução de António Luís Seabra (HORÁCIO, 2011)).

⁵ *'Quis leget haec? min tu istud ais? nemo hercule. 'Nemo?'/ uel duo uel nemo (...).* "Quem lerá isto?. Tu dizes isto para mim? Por Hércules, ninguém! 'Ninguém?'/ Ou dois, ou ninguém." Tradução de Marihá Barbosa e Castro (CASTRO, 2015).

⁶ *Si natura negat, facit indignatio uersum.* "Se a natureza recusa-se, a raiva elabora o poema". Todas as traduções da obra de Juvenal aqui usadas são de Rafael Cavalcanti do Carmo (2018), exceto quando indicado em contrário.

⁷ Já fizemos este mesmo tipo de análise quanto ao Livro 1 (LEITE; CORDEIRO, 2017) e ao Livro 2 (LEITE; CORDEIRO, 2018). Os resultados que aqui trazemos são uma continuidade dos já publicados.

1. *Difficile est saturam non scribere*: o autorretrato do poeta satírico

O exórdio da obra de Juvenal ocorre por meio da reivindicação por algum espaço dentro da poesia. Exausto de ouvir somente recitações de epopeias, elegias ou peças trágicas, o satirista toma a atitude de deslocar-se da posição de mero ouvinte para tentar, também, ser ouvido.

Sempre eu serei um ouvinte somente? E jamais responder-lhes,
eu tantas vezes vexado por rouca *Teseida* de Cordo?
Impune então me terá recitado aquele togadas?
Este elegias? E impune meu dia é esvaído no ingente
Télefo e já com a margem de cima repleta do livro
e mesmo nas costas escrito e ainda infinito um *Orestes*?⁸ (JUV., 1.1-6).

Nos versos seguintes, a *persona* satírica evidencia seus motivos para tomar a palavra: é inadmissível que tenha a épica, um gênero que se ocupa de deuses e heróis, tanto espaço em uma sociedade cujos indivíduos têm atitudes condenáveis. Faz-se necessário, portanto, que a poesia desça do Olimpo às ruas de Roma e se ocupe de narrar aquilo que vê:

Quando um eunuco molenga desposa mulher, Mévia um Tusco
porco combate com os peitos de fora e equipada de lança,
quando os patrícios unidos, em bens, desafia um sozinho,
que, quando jovem, raspava-me a barba severa e sonante,
quando um da plebe Nilíaca, quando um servil de Canopo,
Crispino, de Tiro dos ombros tirando purpúreos capotes,
fica abanando, estival, em seus dedos suados o ouro,
só suportar não podendo de pedra maior o volume,
o que é difícil é sátira não escrever, (...) ⁹. (JUV., 1.22-30).

A apresentação do satirista é categórica: o que o motiva a escrever é a necessidade. Introduzir-se desta forma é comunicar ao ouvinte que não se deve esperar daquele poema uma demonstração de habilidade poética. A própria

⁸ *Semper ego auditor tantum? Numquamne reponham/ uexatus totiens rauci Theseide Cordi/ inpune ergo mihi recitauerit ille togatas,/ hic elegos? Impune diem consumpserit ingens/ Telephus aut summi plena iam margine libri/ scriptus et in tergo necdum finitus Orestes?*

⁹ *Cum tener uxorem ducat spado, Meuia Tuscum/ figat aprum et nuda teneat uenabula mamma,/ patricios omnis opibus cum prouocet unus/ quo tondente gravis iuueni mihi barba sonabat,/ cum pars Niliacae plebis, cum uerna Canopi/ Crispinus Tyrias umero reuocante lacernas/ uentilet aestium digitis sudantibus aurum,/ nec sufferre queat maioris pondera gemmae,/ difficile est saturam non scribere, (...).*

persona insinua sua falta de talento – “Se a natureza recusa-se, a raiva elabora o poema” (JUV., 1.79)¹⁰– e a forma como o faz é também uma declaração de que ali pouco importa o engenho, mas tão somente vocalizar tudo o que lhe desagrade na sociedade que o circunda. Percebemos, portanto, o primeiro aspecto do *éthos* associado à *persona* juvenaliana: uma voz indignada com certas posturas de seu tempo, que escreve por puro impulso de forma a desabafar suas aflições e, portanto, não se compromete com uma escrita dedicada e engenhosa.

Em concomitância com a minoração do valor da própria escrita, também é possível perceber a constituição do *éthos* da *persona* satírica por meio da relação ambivalente que ela estabelece com a épica, gênero elevado – e amplamente consumido, como sugerem os primeiros versos da sátira programática. Como aponta Braund (2004, p. 21), a menção ao gênero épico não é despropositada, porque a sátira relaciona-se, desde seus primórdios, com a épica. Para a mesma autora, o efeito produzido pela coincidência do metro utilizado por ambos – hexâmetro datílico – é o contraponto entre o tom elevado em um e a inconstância de tons no outro. Para Plaza (2006, p. 4), a relação entre sátira e épica assemelha-se à relação entre comédia e tragédia. Ainda, Braund (2004, p. 22) afirma que, em Juvenal, é clara a insinuação de que a sátira pode substituir a épica.

Um dos movimentos do enunciador neste sentido é a descrição do satirista como um herói épico: “sempre que, qual se uma espada brandisse, Lucílio iracundo/ ruge, o ouvinte enrubesce que tem congelada a consciência/ pelos seus crimes e, em tácita culpa, lhe suam as entranhas,/ vindo daí ira e lágrimas.” (JUV., 1.165-168).¹¹ Embora aqui o enunciador utilize especificamente Lucílio como um modelo de herói satírico equiparado a um herói épico, pode-se entender que essa é uma observação que se estende a todos os satiristas – e, naturalmente, a si mesmo. Evocar Lucílio, aqui, é uma metonímia para se referir a toda a tradição satírica, já que esse poeta foi considerado inventor do gênero e está mencionado na obra dos três satiristas que o seguiram. Ademais, dando continuidade à interpretação da metáfora, observa-se uma analogia entre o rugir contra a desordem e o brandir de uma espada para lutar contra inimigos. Os adversários da sátira seriam, neste sentido, os crimes e vícios que o narrador condena. No entanto, é preciso ter em mente que o satirista é uma figura que ataca os excessos enquanto ele mesmo comenta os próprios – seja na linguagem, seja no julgamento –, e esta é uma contradição aceitável e inerente ao jogo satírico.

Um outro aspecto que parece corroborar essa relação de oposição em que o satirista juvenaliano se situa em relação à épica refere-se ao tratamento dado à mitologia. Ao passo que a épica é um gênero que tipicamente narra ações de

¹⁰ *Si natura negat, facit indignatio versum.*

¹¹ *Ense uelut stricto quotiens Lucilius ardens/ infremuit, rubet auditor cui frigida mens est/ criminibus, tacita sudant praecordia culpa, inde ira et lacrimae.*

heróis e deuses, a *persona* em alguns momentos sugere não crer na existência de destino ou do mundo inferior, atribuindo inclusive tal credo a uma ingenuidade que não caberia nem a crianças. Na Sátira 2, a *persona* satírica enuncia: “Que existam almas de mortos e reinos subterrâneos,/ o Cocito e rãs negras dentro do abismo Estígio,/ e que milhares atravessem o rio num único barquinho/ nem as crianças acreditam, a não ser as que se lavam gratuitamente” (JUV., 2.149-152)¹². Aqui há uma clara referência ao barco de Caronte, que guiaria os mortos, pelos rios Cocito e Estige, até o Hades, a terra dos mortos (GRIMAL, 2005, p. 76).

Podemos perceber, portanto, a construção de um *éthos* discursivo do satirista que, mostrando-se despreocupado e descomprometido com a própria habilidade poética, decide que a contribuição que fará para a produção literária de seu tempo será desafiá-la – a poesia e a sociedade. Não apenas a *persona* critica e satiriza um gênero literário de grande prestígio – a épica –, como também ataca elementos comuns a esse gênero, como a crença em divindades, que considera uma postura ingênua e infantil, e que constitui não só uma das principais temáticas do gênero épico, mas também uma grande parte da cultura romana. Esse movimento nos parece uma afirmação de sua própria escolha do gênero satírico enquanto uma reação à abundante produção de épica e, de modo mais geral, sua oposição a um comportamento disseminado entre seus contemporâneos.

8

2. “*Nos te, nos facimus, fortuna, deam*” – a condenação da riqueza

A *persona* juvenaliana é veemente quanto à sua reprovação ao apego material. Para esse satirista, o anseio pela ascensão social e pelo acúmulo de bens seria, para a esmagadora maioria das pessoas que o circundam, superior ao respeito por quaisquer valores morais ou ao cultivo de relações afetivas sinceras. Aqui começa a delinear-se um perfil cujo *éthos* é conservador e, em certa medida, misantropo, por ser descrente no valor das pessoas ou na evolução positiva da sociedade.

Há a divinização da Fortuna, tanto na Sátira 1 quanto na Sátira 10, e pode-se dizer que essa visão é essencialmente um resumo da perspectiva da *persona*, ao longo de toda a obra, sobre a importância do dinheiro em sua sociedade contemporânea e, sobretudo, sobre a relação que as pessoas desenvolvem com seus próprios bens materiais:

Pois afinal entre nós do dinheiro é a mais santa de todas
as majestades, embora a funesta Pecúnia em seu templo

¹² *Esse aliquos manes et subterranea regna,/ Cocytum et Stygio ranas in gurgite nigras,/ atque una transire uadum tot milia cumba/ nec pueri credunt, nisi qui nondum aere lauantur.* Tradução nossa.

ainda não more, pois nulos, das moedas, subimos altares,
 como cultuam-se a Paz e a Lealdade, a Vitória, a Virtude
 bem como aquela que a um 'salve' crepita: a Concórdia, em seu
 ninho. (JUV., 1.112-116)¹³

Semelhantemente, o satirista afirma em outro momento: “Nada divina
 serás, se tivermos prudência: nós somos,/ nós, ó Fortuna, quem deusa te torna e
 no céu te coloca” (JUV., 10.365-366)¹⁴.

Há, no entanto, a denúncia de uma particularidade em comum entre os
 adoradores da dita deusa: a criminalidade. Vejamos, a seguir, que o nosso
 satirista defende, com constância, que a única possibilidade de se ascender
 socialmente é por meio da transgressão a normas sociais ou valores morais. Não
 há, no entanto, especificação de que tipos de crimes sejam cometidos, só o
 constante reforço dessa associação entre abastança e ilicitude.

“Qual é o peso, salvando-se a grana, da infâmia?” (JUV., 1.48)¹⁵ questiona
 a *persona*, na Sátira 1, ao comentar a impunidade de um criminoso, pouco antes
 de declarar: “Se desejas ser alguém, comete um crime,/ Digno de exílio ou
 cárcere./ A honra é louvada, no entanto perece;/ Ao crime se devem os jardins,
 os palácios, as mesas,/ a prata antiga e as cabras desenhadas nas taças” (JUV.,
 1.73-76)¹⁶. Há afirmações muito semelhantes na Sátira 14:

Disso originam-se as causas dos crimes; venenos não foram
 mais misturados ou espadas brandidas mais vezes por outra,
 da mente humana, fraqueza qualquer do que pela ganância
 de uma fortuna possuir, pois aquele que quer ficar rico
 quer ficar rico depressa. Porém, pelas leis, que respeito,
 que medo ou pudor algum dia haverá num avaro apressado?¹⁷

(JUV., 14.173-177)

Ainda na Sátira 14, o satirista afirma: “O cheiro do lucro é gostoso/ donde
 vier. Que esta frase presente te seja nos lábios,/ digna dos deuses e de Jove
 mesmo, se fosse poeta:/ 'de onde o dinheiro tu tens não importa, o que importa

¹³ *Quandoquidem inter nos sanctissima diuitiarum/ maiestas, etsi funesta Pecunia templo/ nondum habitat, nulla nummorum ereximus aras,/ ut colitur Pax atque Fides, Victoria, Virtus/ quaeque salutato crepitat Concordia nido.*

¹⁴ *Nullum numen habes, si sit prudentia: nos te/ nos facimus. Fortuna, deam caeloque, locamus.*

¹⁵ *Iudicio? Quid enim salvis infamia nummis.*

¹⁶ *Aude aliquid breuibus Gyaris et carcere dignum,/ si uis esse aliquid. Probitas laudatur et alget;/ criminibus debent hortos, praetoria, mensas,/ argentum uetus et stantem extra pocula caprum.* Tradução nossa.

¹⁷ *Inde fere scelerum causae, nec plura uenena/ miscuit aut ferro grassatur saepius ullum/ humanae mentis uitium quam saeua cupido/ inmodici censos, nam diues qui fieri uolt,/ et cito uolt fieri; sed quae reuerentia legum,/ quis metus aut pudor est umquam properantis auari?*

é que tenhas’.” (JUV.,14.204-207)¹⁸. Percebe-se, portanto, a construção de um *éthos* de alguém incrédulo em relação a seus pares. Se o galgar social pelo acúmulo de posses baseia-se em atos criminosos e ser abastado significa ser eximido de penalização legal, conclui-se que a justiça é inoperante.

Na Sátira 10, há insinuação à falta de lealdade entre ricos – na afirmação de que venenos não são servidos em copos de barro, mas em cálices de ouro cheios de gemas:

A principal oração e a mais feita entre todos os templos
é por dinheiro, ‘me cresça a fortuna’, ‘que a minha se torne
a maior arca do fórum’. Mas nunca venenos nos servem
copos de barro; então teme essas coisas, se cálice ergueres
cheio de gemas e, em largo, o Setino brilhar copo de ouro¹⁹ (JUV.,
10.23-27)

O dinheiro é visto, portanto, como a grande causa de prejuízo da qualidade das relações sociais. As lentes rígidas sob as quais a *persona* satírica condena os ricos e certos comportamentos de seus contemporâneos sufocam a possibilidade de existência de estima ou qualquer admiração por eles. Pode-se concluir nesta categoria que o satirista, ao apontar o que considera que sejam falhas graves da sociedade romana, constrói para si o *éthos* de alguém que se vê solitário em sua própria conduta e se compreende um dos últimos detentores dos valores que deveriam nortear toda a humanidade.

10

3. “*Ferre potes dominam?*” – a opinião sobre as mulheres

Há, na obra juvenaliana, diversas críticas feitas às mulheres, em especial na Sátira 6, notável por sua extensão – quase setecentos versos. Antes de prosseguir com a análise, convém fazer um importante esclarecimento acerca de nosso estudo: não é nosso intento insinuar que a *persona* poética adote uma postura machista. O uso deste termo não deve ser descuidado, pois seu emprego implicaria tratar da crítica à sociedade patriarcal pela teoria feminista, e fazê-lo, neste trabalho, seria um anacronismo. Se não há fontes que indiquem a existência da consciência de gênero nesse sentido na Antiguidade, não cabe a nós partir desse critério para fazer a análise. Deste modo, analisaremos separadamente as

¹⁸ *Neu credas ponendum aliquid discriminis inter/ unguenta et corium: lucri bonus est odor ex re/ qualibet. Illa tuo sententia semper in ore/ uersetur dis atque ipso loue digna poeta:/ ‘unde habeas quaerit nemo, sed oportet habere.*

¹⁹ *Prima fere uota et cunctis notissima templis/ diuitiae, crescant ut opes, ut maxima toto/ nostra sit arca foro. Sed nulla aconita bibuntur/ fictilibus; tunc illa time cum pocula sumes/ gemmata et lato Setinum ardebit in auro.*

opiniões que o satirista emite sobre as mulheres apenas pelo fato de, quantitativamente, esse aspecto se qualificar para uma categoria própria.

O satirista inicia a sátira sexta questionando a sanidade de Póstumo, porque este deseja se casar, e sugere que é preferível suicídio ao casamento: “Vais suportar qualquer dona, se é fácil arranjar uma corda,/ ou quando, abertas, há, altas de dar-nos vertigem, janelas,/ ou quando, próxima a ti, disponível está a ponte Emília?” (JUV., 6.30-32)²⁰. Ao citar a corda, as janelas abertas e a ponte Emília, o satirista está, na verdade, listando formas de se cometer suicídio – sem dizê-lo explicitamente –, o que traz um tom humorístico ao trecho. A seguir, acrescenta a solução:

Mas se de tantas nenhuma aprecias saída, não pensas
ser bem melhor esta ideia: que durma contigo algum jovem?
Jovem que, em meio da noite, não briga, que nulos te exige
enquanto ali jaz presentinhos, tampouco se queixa de que usas
pouco os pulmões e de não, bem conforme ordenou-te, ofegares
(JUV., 6.33-37)²¹

A *persona* juvenaliana tem, entre os motivos que fundamentam sua aversão, a descrença na existência de uma mulher que seja considerada adequada:

Que algo não possa ser feito tu pensas, se junta-se a alguma
Ursídio? Se o mais conhecido dos conquistadores de outrora
feito idiota, sua cara no altar marital já coloca,
um a quem tanto escondeu o baú em que sumia Latino?
E ainda por cima de antigos esposa costumes para ele
busca-se? Ó médicos, cheias demais, perfurai estas veias.
Ó mas que encanto de homem! Nas portas Tarpeias suplica,
curvo e, repleto de ouros, a Juno oferece um bezerro,
caso até ti tenha vindo de vida uma esposa pudica. (JUV., 6.41-49)²²

²⁰ *Ferre potes dominam saluis tot restibus ulla, / cum pateant altae caligantesque fenestras, cum tibi uicinum se praebeat Aemilius pons.*

²¹ *Aut si de multis nullus placet exitus, illud / nonne putas melius, quod tecum pusio dormit? / pusio, qui noctu non littigat, exigit a te / nulla iacens illic munuscula, nec queritur quod / et lateri parcas nec quantum iussit anheles.*

²² *Quid fieri non posse putes, si iungitur ulla / Vrsidio? Si moechorum notissimus olim / stulta maritali iam porrigit ora capistro, / quem totiens textit perituri cista Latini? / quid quod et antiquis uxor moribus illi / quaeritur? o medici, nimiam pertundite uenam. / delicias hominis! Tarpeium limen adora / pronus et auratam Iunoni caede iuencam, / si tibi contigerit capitis matrona pudici.*

Afirmar que Ursídio deveria fazer um sacrifício a Juno caso este encontrasse uma mulher que atendesse a suas expectativas e tivesse “antigos costumes” é reforçar o *éthos* de indivíduo descrente. Para esta *persona*, encontrar uma parceira que não tenha se corrompido pela contemporaneidade em declínio seria tão difícil que valeria agradecimento divino.

O satirista volta a reforçar sua crítica ao dinheiro e ao apego material quando afirma que uma mulher mais rica que seu marido ganancioso compraria a própria liberdade para ser adúltera: “(...) solteira é quem, rica, casou com um avaro” (JUV., 6.141)²³. O enunciador também realiza uma nova crítica a mulheres abastadas: “Nada a mulher não permite a si mesma e torpe ela nada/ pensa que seja se em gemas verdosas circunda o pescoço/ e em esticadas orelhas uns brincos exhibe gigantes;/ nada de mais intragável existe que fêmea ricaça” (JUV., 6.457-460)²⁴.

Curioso, no entanto, é que o enunciador admite que uma mulher que fosse perfeita e atingisse a todas as suas exigências também seria insuportável:

‘Nula no meio de tantas mulheres parece-lhe digna?’
Seja formosa decente opulenta fecunda, vetustos,
mostre nos pórticos seus ancestrais, bem mais pura que toda,
com suas crinas esparsas, da guerra findante Sabina,
uma ave rara nas terras ao negro simílima cisne:
quem uma esposa tolera em quem conste isso tudo? Eu prefiro,
sim, eu prefiro qualquer Venusina a ti mesma, Cornélia,
ó mãe dos Gregos, se junto às virtudes que tens, me trouxeres
ares de grande soberba e inclua em teu dote uns triunfos. (JUV.,
6.161-169)²⁵

A explícita admissão do satirista de que mesmo a mulher perfeita – no sentido de não ser culpada em nenhuma de suas críticas anteriores – não seria realmente perfeita e, portanto, não se eximiria de receber novas críticas, é um reforço de que a *persona*, nesta sátira, parte de um modelo inexistente de mulher para criticar a conduta das mulheres reais. Não apenas a valoração do real a partir de uma comparação ilógica demonstra, a nosso ver, que o enunciador é explícito

²³ [...] *Vidua est, locuples quae nupsit avaro.*

²⁴ *Nil non permittit mulier sibi, turpe putat nil, / cum uiridis gemas collo circumdedit et cum / auribus extentis magnos commisit elenchos. / [intolerabilius nihil est quam femina dives.]*

²⁵ *‘Nullane de tantis gregibus tibi digna uidetur?’ / sit formosa, decens, diues, fecunda, uetustos / porticibus disponat auos, intactior omni / crinibus effusis bellum dirimente Sabina, / rara auis in terris nigroque similima cycno, / quis feret uxorem cui constant omnia? malo, / malo Venustinam quam te, Cornelia, mater / Gracchorum, si cum magnis uirtutibus adfers / grande supercilium et numeras in dote triumphos.*

em sua ausência de motivações consistentes para suas críticas, como o reconhecimento da impossibilidade de perfeição é uma prova da gratuidade de sua aversão às mulheres e, em específico, a casar-se com elas.

Como percebemos, nosso satirista entende que existam, em seu tempo, dois problemas graves: a ambição das pessoas por dinheiro e bens materiais, que se sobrepõe ao cultivo das relações sociais desinteressadas, e a conduta das mulheres, que, para além de também explorarem as riquezas de seus maridos, desgastam-nos emocionalmente por serem manipuladoras e estarem eternamente insatisfeitas, o que também configura um problema social. Perceber essa disfunção entre seus contemporâneos leva, inevitavelmente, nosso satirista ao que parece ser a conclusão lógica: a sociedade está em derrocada. Tendo em vista a abundância de declarações que tratam desse declínio da humanidade, que não conseguiria piorar, nossa próxima categoria dedica-se a analisar as afirmações pessimistas do narrador quanto ao presente e, também, ao futuro da humanidade.

4. “Quando uberior uitiorum copia?” – a descrição da sociedade em declínio

A constante preocupação com uma suposta decadência da sociedade é um aspecto notável na leitura da *persona* satírica sobre seu próprio tempo: “Quando houve mais copiosas de vício abundâncias? E quando/ mais da avareza estenderam-se as garras? Aos dados, outrora,/ quantos tamanhos impulsos?” (JUV., 1.87-89)²⁶. Mesmo as críticas organizadas em outras categorias trazem, com frequência, uma condenação à humanidade, que, generalizadamente, estaria em declínio, ou, melhor, em completa deterioração, desde os tempos de Homero: “Pois que os humanos, em vivo, já degeneravam-se, Homero;/ hoje esta terra somente homens maus traz à luz e molengas./ Logo, qualquer divindade que os veja, os odeia e escarnece.” (JUV., 15.69-71)²⁷. Percebemos aqui um traço que exploraremos de forma mais detida: a admiração por um passado ideal.

Embora o satirista selecione seus principais alvos de invectiva, convém observar que Curtius (1979, p. 198-102) define o “mundo às avessas” como uma tópica²⁸ da poesia. Os poetas fazem uma comparação entre o presente e os tempos idos, de forma a observar que houve a inversão da ordem natural ou a troca de papéis entre indivíduos. Nesta última categoria de nossa análise veremos mais claramente os momentos em que o poeta utiliza esse *tópos*. No entanto, como

²⁶ *Et quando uberior uitiorum copia? Quando/ maior auaritiae patuit sinus? alea quando/ hos animos?*

²⁷ *Nam genus hoc uiuo iam decrecebat Homero,/ terra malos homines nunc educat atque pusillos;/ ergo deus, quicumque aspexit, ridet et odit”.*

²⁸ Curtius (1979, p. 72) define *topos* como um argumento ou tema ideológico apropriado a várias situações e difundido em diferentes discursos. No discurso laudatório, por exemplo, “o louvor dos antepassados e de seus feitos” é um *topos*, segundo esse autor, o que significa que é comum que, no epidítico na chave do elogio, exista esse louvor.

anteriormente comentamos, a ideia de que a sociedade está em decadência é uma espécie de síntese subjacente à invectiva juvenaliana de modo geral.

O pessimismo do satirista diante de seu tempo não prevê um fim para a própria angústia, pois crê que os costumes que critica são hereditários, e os filhos e filhas aprendem com seus pais e suas mães a se comportarem exatamente como eles. Na Sátira 6, ele alerta Póstumo, seu interlocutor que deseja se casar, de que as mães ensinam às filhas a serem dissimuladas e manipuladoras:

Perde a esperança de ter, se ainda vive, uma paz, a tua sogra,
ela é que ensina com o espólio do nu a agradar-se marido,
ela é que ensina a tabuinhas por conquistadores enviadas
não responder algo rude ou inculto, ela engana teus guardas
ou, com dinheiro, os adestra. Então, mesmo estando saudável,
chama um Arquígenes, que cobertores pesados lhe estende.
Nisso, escondendo-se espreita em segredo da esposa o amante,
pela demora impaciente e, calando-se, toca uma bronha.
Claro, sem dúvida, esperas que ensina uma mãe decorosos
e diferentes costumes daqueles que tem? Mas é útil
filha adiante uma velha que é torpe passar também torpe. (JUV.,
6.231-241)²⁹

14

Na Sátira 14, reforça-se a mesma ideia de que a infidelidade da filha seria aprendida a partir do comportamento materno:

És tão simplório que adúltera esperes não ser de uma Larga
a filha, que nunca nomear de uma vez os maternos amantes
pôde tão rapidamente e em tão longa sequência dispô-los,
sem precisar respirar trinta vezes? Da mãe confidente
foi, quando moça; com a mãe lhas ditando, hoje em dia, tabuinhas
enche e ao amante as envia por meio dos mesmos veados. (JUV.,
14.26-30)³⁰

²⁹ *Desperanda tibi salua concordia socru./ Illa docet spoliis nudi gaudere mariti,/ illa docet missis a corruptore tabellis/ nil rude nec simplex rescribere, decipit illa/ custodes aut aere domat. Tum corpore sano/ aduocat Archigenen onerosaque pallia iactat./ abditus interea latet et secretus adulter,/ inpatiensque morae silet et praepudia ducit./ scilicet expectas ut tradat mater honestos/ atque alios mores quam quos habet? Vtile porro/ filiolum turpi uetulae producere turpem.*

³⁰ *Filia, quae numquam maternos dicere moechos/ tam cito nec tanto poterit contexere cursu,/ ut non terdecies respiret? Conscia matri/ uirgo fuit, ceras nunc hac dictante pusillas/ implet et ad moechum dat eisdem ferre cinaedis.*

Segundo essa lógica da hereditariedade de hábitos, os pais ensinariam os filhos a cometerem crimes motivados pela ambição ao dinheiro, como afirma o satirista na Sátira 14:

Muitas existem, Fuscino, de fama, condutas sinistra
 que das pessoas mais velhas transmitem-se para os menores
 e nas mais límpidas mancha indelével imprimem das coisas,
 vícios que mostram às próprias crianças os pais e lhos passam.
 (JUV., 14.1-3)³¹

Ao enumerar alguns hábitos danosos que os filhos provavelmente reproduzirão dos pais, como, por exemplo, a glotonice, a *persona* trata de comportamentos que considera agravantes para a situação de declínio social que denuncia. Para o satirista, “Isto é uma lei natural: bem mais rápido e mais brevemente/ nos degeneram, de vícios, exemplos caseiros, pois grandes/ são, que na índole põem-nos, os mestres.” (JUV., 14.31-33)³². Desta forma, se os maus hábitos são adquiridos dentro de casa, é de suma importância que os pais tenham o cuidado de agirem de forma exemplar diante dos filhos, para que estes não se desviem da virtude ou que, ainda, futuramente, não cometam os mesmos delitos dos pais – embora seja naturalmente esperado que assim o façam.

O satirista juvenaliano constrói o próprio *éthos*, portanto, como o de um indivíduo pessimista e desesperançoso quanto a qualquer evolução positiva da sociedade tanto no presente quanto no futuro, e o faz a partir do uso, principalmente, da tópica do mundo às avessas. Como comentamos, mesmo nossas outras categorias, em que analisamos separadamente críticas direcionadas à riqueza e às mulheres, fazem a contribuição de, essencialmente, amplificar o entendimento dos aspectos que compõem e determinam essa derrocada. cremos, portanto, ser adequado adicionar ao indignado *éthos* juvenaliano também a característica de incrédulo. Sua veemência, que a nosso ver não se restringe aos dois primeiros livros, mas se mantém ao longo de toda a obra, deve-se essencialmente à sua convicção de que tamanha é a gravidade do problema que não existe uma solução cabível.

Considerações finais

A obra juvenaliana apresenta uma *persona* satírica cujos principais aspectos podemos estabelecer a partir da constatação de posturas recorrentes que

³¹ *Plurima sunt, Fuscine, et fama digna sinistra/ et quod maiorum uitia sequiturque minores/ et nitidis maculam haesuram figentia rebus,/ quae monstrant ipsi pueris traduntque parente.*

³² *sic natura iubet: uelocius et citius nos/ corrumpunt uitiorum exempla domestica, magnis/ cum subeant animos auctoribus.*

exibe ao longo dos textos. No decorrer dos cinco livros, é possível notar que existe uma construção sólida desse *éthos*, que podemos sintetizar como o de alguém que, apontando o que entende como defeitos graves de seus contemporâneos, demonstra não participar das condutas que condena, de modo que se autoriza a criticá-las. Discorde da maneira como as pessoas tratam o dinheiro e crítica ferrenha da forma como elas se relacionam entre si, a voz das sátiras percebe a própria sociedade tanto como motor quanto como produto de uma subversão de valores que não parece ter solução. A *persona* juvenaliana, em suma, entende que a Roma em que vive tenha atingido o ápice da perversão, de modo que a posteridade não tenha vícios a adicionar aos que ela já testemunha.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, William. **Essays on Roman Satire**. Princeton: Princeton University, 1982.

ARMSTRONG, David. Juvenalis Eques: A Dissident Voice From The Lower Tier of the Roman Elite. In: BRAUND, Susanna; OSGOOD, Josiah. **A Companion to Persius and Juvenal**. Malden: Blackwell, 2012. p. 59-78.

16

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.

BRAUND, Susanna. Introduction. In: JUVENAL; PERSIUS. **Juvenal and Persius**. Edited and translated by Susanna Morton Braund. Cambridge: Harvard University, 2004. p. 1-39.

CARMO, Rafael Cavalcanti do. **Difficile est saturam bene vertere**: os desafios da tradução poética e uma versão brasileira das *Sátiras* de Juvenal. 2018. 291 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2018.

CASTRO, Marihá Barbosa e. **O programa satírico de Pérsio frente à tradição**. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

CORDEIRO, Iana Lima. **A construção da persona satírica na obra de Juvenal**. 2019. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura europeia e idade média latina**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. 5. edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HIGHET, Gilbert. **Juvenal the Satirist: a Study**. New York: Oxford University, 1954.

HORÁCIO. **Sátiras**. Tradução de Antônio Luís Seabra. São Paulo: Edipro, 2011.

JUVENAL. **Juvenal and Persius**. Edited and translated by Susanna Morton Braund. Cambridge: Harvard University, 2004.

LEITE, Leni Ribeiro; CORDEIRO, Iana Lima. A construção da persona na sátira 6 de Juvenal. *Classica*, e-ISSN 2176-6436, v. 31, n. 2, p. 89-100, 2018.

LEITE, Leni Ribeiro; CORDEIRO, Iana Lima. A construção satírica no livro I de Juvenal. **Calíope: Presença Clássica**, ano XXXIV, n. 33, p. 5-25, 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

PLAZA, Maria. **The Function of Humour in Verse Satire: Laughing and Lying**. New York: Oxford University, 2006.

VITORINO, Mônica Costa. **Juvenal: o satírico indignado**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

Data de envio: 10/08/2022

Data de aprovação: 28/11/2022

Data de publicação: 27/12/2022